

Noticias do Algarve

SEMANÁRIO REGIONALISTA

EDITOR E PROPRIETÁRIO — Armando Rocha Cruz

DIRECTOR — JOÃO ADELINO DIAS PENA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA PINHEIRO CHAGAS, 21 — TELEFONE 59
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

ANO II — N.º 60 — Domingo, 1 de Agosto de 1954

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO — TIPOGRAFIA SOCORRO
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

EXCELSIOR
As melhores tintas para navios de pesca e comércio
FABRICA DE TINTAS EXCELSIOR
Telefone 12
Depositarário nesta Vila: MANUEL DA SILVA DOMINGUES

A AGRESSÃO À ÍNDIA PORTUGUESA

TENDO em consideração os verdes anos que a União Indiana conta como Estado Autónomo, não pode deixar de provocar verdadeiro assombro a todo o mundo civilizado a peça de grande espectáculo montada pelo imperialismo descomedido, agressivo e traiçoeiro do sr. Nehru.

Nessa imensa Índia, amalgama de povos, de raças, de religiões, de castas, com mais de quatrocentos milhões de almas, onde a maior parte vive uma vida de nível inferior à dos próprios animais, e onde as hecatombes de esfomeados, que se contam aos milhões, se sucedem com a regularidade das estações do ano, tudo levaria a crer que as principais atenções do chefe de tão jovem Nação se

É UMA INJURIA AO OCIDENTE

O ASSALTO A DADRÁ, PELOS «HERÓICOS VOLUNTÁRIOS» QUE O SOBRINHO DO HIPÓCRITA SR. NEHRU RECRUTOU NAS ALFURJAS DA PROSTITUIÇÃO E DO CRIME DE BOMBAIM, «CONSTITUI UM CASO EXPERIMENTAL DOS MÉTODOS ESPECIAIS INDIANOS NA CONDUÇÃO DOS PROBLEMAS INTERNACIONAIS»

— afirmou o sr. DESSAI, primeiro-ministro de Bombaim

concentrassem nos seus gravíssimos problemas internos, procurando resolvê-los de forma a conseguir proporcionar a essas enormes legiões humanas, que tão enternecidamente diz defender, as mais elementares condições de sobrevivência. Ao invés disso, porém, e revelando uma flagrante contradição com os princípios pacifistas de que faz alarde com notável fre-

quência e não menos notável insistência, o chefe do governo da jovem União Indiana tem-se caracterizado, particularmente, por uma política de agressões, de violências, de prepotências e arbitrariedades de toda a ordem. A Caxemira e o Hayderabad têm sido teatro de chacinas e violências que, comparadas com

elas, as lendárias atrocidades das hordas de Gengis Kan, são pálidos folguedos infantis. Só no Hayderabad, o sr. Nehru encharcou a consciência no sangue de 100.000 muçulmanos sumariamente fuzilados!

Tudo isto, no entanto, não impede o extraordinário Pandita de mostrar-se perante o Mundo como um seráfico pioneiro da Paz — no que é secundado pela sua não menos extraordinária mana, que, como presidente da Assembleia Geral das Nações Unidas, tem sido verdadeiramente incansável em exhibir a pombinha branca e o ramo de oliveira das intenções e propósitos da União Indiana.

O criminoso assalto à Índia Portuguesa é uma exuberante demonstração dessas intenções e dos generosos propósitos de «não intervenção nos negócios dos outros países», proclamados,

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

CULTURA E TRADIÇÃO

SENDO a cultura a soma de conhecimentos e experiências de todos os homens e povos, presentes e passados, nós temos que a encarar como património de toda a gente e não propriedade de raros e privilegiados. A história da cultura, começando por interessar um âmbito reduzido tende a alargar-se ao convívio de toda a hu-

Por N. RODRIGUES PENA

manidade. Assim, a sua divulgação trás necessariamente a natural participação de grupos sociais que até há bem pouco tempo se encontravam desinteressados ou divorciados dessas discussões. A afluência desses novos grupos, transportadores de novos interesses, imprimem à cultura novas directrizes, que modificam a tradicional interpretação que era hábito dar à cultura. As questões meramente escolásticas, as discussões mais ou menos bizantinas, dão lugar aos problemas vivos, a tudo o que se relaciona com o mundo real dos homens, à busca incessante dos conhecimentos, a tudo que vem facilitar e enobrecer a condição humana.

Quando o homem mergulha nas páginas mais distantes da história, não

é só a curiosidade que o leva à investigação dos usos e costumes dos seus mais remotos ancestrais, mas é, principalmente, a esperança de descobrir como é que esses homens enfrentaram e resolveram certos problemas que se tornaram decisivos no estado humano em que vive-

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

Pelo Dr. CRUZ MALPIQUE

INGRATIDÃO

MUITO se engana quem faz o bem, na mira de gratidão. Dos mortos dizem os franceses: vertiginosamente esquecem: les morts vont vite. Não só os mortos, como os favores. Não esquecemos ofensas — e permanentemente esperamos por uma oportunidade para as vingar. Esquecemos, sim, favores, e todas as oportunidades de os pagar nós as lançamos às ortigas. Mas se é pouco digno aquele que esquece favores recebidos, não é mais digno aquele que constantemente os está delatando na cara daquele que os recebeu, ansiando por um agradecimento de todos os dias.

Como quer que seja, quem ajuda o seu próximo, vá contando com a ingratidão:

Fais le bien sans en espérer
La récompense sur la terre;
Le monde paie en oubliant.

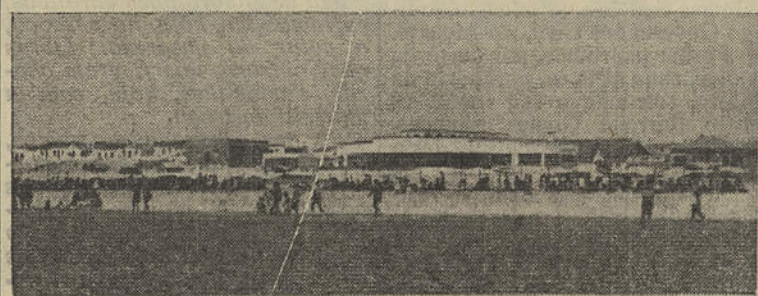
MUDAR

EXISTE, entre nós, muito de volúvel, no julgamento das coisas, dos homens e dos acontecimentos. Não dispomos de um metro rígido, na apreciação crítica de um livro, de uma doutrina, de um homem, de um acontecimento. Mudamos constantemente, e, connosco, as coisas mudam, ou, se não mudam, é como se mudassem, tanto do nosso subjectivismo destino sobre elas. A mutação está no âmago de tudo — em nós e fora de nós.

O outro dia que não nos banhamos duas vezes na mesma água dum rio. Quando vamos por ela, segunda vez, já não é a mesma. Mudou a água, e nós próprios mudamos.

Autores que, outrora, nos prendiam e enchiam de admiração, nós os vomitamos, agora. Queimamos, hoje, o que ontem adoramos, adoramos, agora, o que, ontem, queimamos. Co-

(CONTINUA NA 2.ª PAGINA)



PROBLEMAS DE MONTE GORDO

A semelhança dos anos anteriores e com o fim louvável de propagandear as nossas praias, vai o nosso prezado colega Diário de Notícias promover, este mês e em Setembro, o concurso infantil das praias de Portugal. Afora a Praia das Maças, nesga de costa perigosa nos arredores de Sintra, todas as outras são praias de categoria, dignas da preocupação de um dos maiores órgãos da Imprensa portuguesa. As praias do Sul, incluídas no concurso são, como é natural, as da Rocha e Monte Gordo. Já o ano passado a nossa praia beneficiou da visita da caravana do Di-

ário de Notícias. Esperemos que este ano não se registem as deficiências lamentáveis que se verificaram o ano passado e que podiam ter ocasionado um autêntico desastre se, à última hora, não surgisse alguém a «explicar» a confusão natural determinadas por «motivos imprevistos».

A fim de que se não volte a repetir uma situação que não nos prestigia e que desta vez já não teria desculpa, apelamos para a Comissão Municipal de Turismo composta, como todos sabem, por pessoas à altura das circunstâncias. E a propósito de Monte

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

EM QUE SE REVIVE GOMES LEAL

A PROPÓSITO DE UMA APRECIACÃO JORNALÍSTICA

...ninguém, escreve para alguém que brilha no plano mais cimeiro da imprensa jornalística, atirando aos punhados, bocados de si próprio, em artigos, críticas, notícias descritivas das suas viagens, descrições que nos arrastam com ele através de paisagens que vamos apreciando, mostrando-nos quadros de museus e estátuas, com

rápidos apontamentos sobre os respectivos artistas, a vida lá de fora, enfim, por tal forma, tão inteligente e clara, que faz gerar no nosso íntimo a impressão de que, ao lado dele viajamos também. E o jornalista Artur Portela que escrevo, e, faço-o ao correr da pena, com tranquilidade, porque há longos anos o leio com tal constância, que me iludo supondo-o meu íntimo, e como tal escrevendo-lhe terra a terra, porque o advinho um condescendente, pronto a desculpar, quem escreve como eu, sem ter a pena por enxada, na luta do dia a dia. Assim e parafraseando parcialmente o começo do artigo de Artur Portela inserto no «Diário de Lisboa» a propósi-

to de apreciações do sr. dr. Victorino Nemésio, ao poeta Gomes Leal, há tanto já falecido. Também eu poderia e devia mesmo ficar calado e indiferente no meu cantinho, à janela desta Sociedade em que vivo «e em que a gente se aborrece», e de onde raras vezes vejo ou oço caso de monta, que faça vibrar o meu sentimento

(CONCLUI NA 2.ª PAGINA)

LITERATURA NACIONAL

LITERATURA REGIONAL

Por JOÃO A. MENDES LEAL

A POLÉMICA, quando não sai do agradável campo da troca de impressões, e se reveste das normas geralmente aceites do civismo e da boa educação, é uma esgrima elegante em que os antagonistas — digamos assim — se esforçam por apontar as razões em que assentam as suas respectivas maneiras de ver um determinado problema ou uma determinada questão. Mas, quando se orienta no sentido do caso pessoal, saindo assim fora dos seus propósitos culturais ou esclarecedores, então só acha paralelo nas alterações entre varinas, nas vulgares discussões de comadres ou nas lendárias desordens entre rufias. Estou certo de que o sr. Rodrigues Pena, a quem não tenho o prazer de conhecer pessoalmente, deseja, tanto como eu próprio, manter esta nossa divergência literária dentro da sua legítima e correcta orientação. O respeito que ambos devemos ao «Notícias do Algarve» — que simpaticamente nos abriu as suas colunas —, ao seu director — que de nenhuma forma se opôs a esta polémica —, aos leitores — perante os quais estamos presentes enquanto

O RISO DA SEMANA



O cleptómano...

nos leem — e às nossas consciências, não pode permitir que assim não seja.

Posto este pequeno preâmbulo, vamos ao que interessa... O sr. Rodrigues Pena, num gesto nobre e desinteressado de cavaleiro andante, quebrou uma lança pela Literatura Portuguesa. Embora respeitando esta atitude, não podemos deixar de pensar — mal empregada lança...

Façamos uma análise sucinta dos acontecimentos que antecederam e justificam estas linhas.

Ao escrever para VIDA LITERÁRIA — modesta secção

(CONCLUI NA 4.ª PAGINA)

Casa do Algarve

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

zeiro que reavive na consciência de todo o Mundo culto o respeito devido pelo mesmo à obra ultramarina de Portugal:

Senhor Presidente do Conselho

Excelência:

A Casa do Algarve, em Lisboa, reunida em Conselho Pleno dos seus Corpos Gerentes e Consultivos, cõscia de interpretar o sentimento de todos os Algarvios, deliberou, por aclamação, vir até junto de Vossa Excelência patentear o seu mais vivo preito de homenagem e reconhecimento pela patriótica decisão que acaba de ser tomada pelo Governo de incluir nas *Comemorações do V Centenário da morte do Infante D. Henrique*, a realizar em 1960, a inauguração, no Promontório de Sagres,—relicário augusto das nossas maiores glórias náuticas—de um grandioso Monumento «que, além de constituir—como nas disposições oficiais se acentua—particular homenagem ao Infante, represente a consagração do primeiro ciclo dos Descobrimentos portugueses e do movimento que abriu o mar à civilização do Ocidente».

O nosso reconhecimento é tanto mais caloroso, Senhor Presidente do Conselho, quanto é certo jamais haver a Casa do Algarve, numa persistente acção de verdadeira política do espírito, deixado de pugnar para que se reacendesse a ideia de tal Monumento, que sempre considerou—e com renovada fé hoje considera uma das garantias mais expressivas da continuidade, bem necessária, do culto universal da obra de Sagres.

Como Portugueses e Algarvios, orgulhosos, pois, de mais uma vez ter o Governo da Nação reconhecido a Sagres os direitos que pela história lhe cabem no livro de ouro das nossas tradições civilizadoras, não podíamos deixar de vir testemunhar a Vossa Excelência—e a todo o Governo—os nossos agradecimentos sinceros, com os protestos da mais alta consideração e respeito.»

Casa do Algarve, em Lisboa, 26 de Julho de 1954.

Além de todos os Corpos Gerentes e Consultivos da Casa do Algarve, e do eminente escritor e Presidente da Academia das Ciências, sr. dr. Júlio Dantas, como sócio honorário, assinaram também esta Mensagem todos os Deputados pelo Algarve e os colaboradores do ciclo de conferências promovido pela Comissão Cultural da colectividade, sobre o tema: «Consagração Nacional do Infante D. Henrique».

EM QUE SE REVIVE GOMES LEAL

A PROPÓSITO DE UMA APRECIACÃO JORNALÍSTICA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

quase completamente adormecido, nesta carcassa sexagenária, golpeada uma vida inteira por dores de alma envoltas em vagas de desilusões sem conto.

Com o meu silêncio, nada perderia evidentemente, A. Portela; a arte do bem escrever, menos ainda. Mas, A. Portela com o seu fulgor jornalístico, impulsionado por uma alma forte e sã, Cavaleiro da Verdade e da Bondade, saindo denodadamente em defesa do saudoso e infeliz poeta Gomes Leal, num movimento altamente simpático, tornou-se credor da nossa admiração e do nosso reconhecimento.

Muita gente leu concerteza o artigo de Portela, a que me refiro. Mas a vida de hoje é assaz dinâmica. E, assim, há quem leia e embora aprecie e sinta o que se escreveu, é logo atraída para imediatas distrações ou afazeres, que tudo fazem esquecer; idéias, impressões as mais vivas, voam da mente, logo substituídas por outros motivos, antes do tempo necessário para arrumar aquelas num prateleiro do cérebro, estas, num cantinho do coração.

Há ainda quem pense, que o jornalista ao escrever, deva dizer tudo que pensa, abrindo o próprio peito para que possamos constatar a sincronia existente entre o seu pensamento e o seu coração.

Tal não foi preciso pedir a A. Portela, pois mostrando sem reboço, com a lealdade e delicadeza impressionantes que o caracterizam, o seu desacórdio, sobre a forma decorrente de certas passagens de um livro, de um amigo e camarada, a quem ao mesmo tempo rende as mais justas homenagens, livro de assinalado valor, como aliás são tantos outros do mesmo ilustre escritor, provou pela forma mais clara e iniludível, que a sua pena, a sua inteligência, o seu coração, coincidem num completo uníssono. Sem frases atinentes a tirar simples efeitos retóricos, sem exageros de sentimentalismo piegas; a brilhar sim, a sua qualidade de superior jornalista, a sinceridade cheia de entusiasmo com que veio estender o seu manto de carinhosas flores, sobre a suave lembrança do que em vida foi Gomes Leal, fez-me vibrar fortemente, como obscuro admirador da Poesia; (que o mesmo é dizer, admirador de Gomes Leal), porque a sinto n'alma, embora nunca conseguisse dar-lhe vida; sinto-a mesmo talvez, por cultivar a música, e a Poesia é música não só pela cadência, mas porque acorda dentro em nosso peito hinos de amor, de glória, de vitória, requiems impressionantes, por uma paixão que se tornou saudade, saudade que morreu, levando-nos a própria alma.

Lida a maravilhosa prosa de Portela, o meu espírito tornou-se presa da ideia persistente de lhe vir agradecer pelo extraordinário prazer espiritual que me proporcionou sem dúvida, e, simultaneamente pelo exemplo de justiça e amor pelo estro brilhantíssimo, fulgurante, de Gomes Leal, enquanto foi «um homem», marcando em Lisboa e no país, uma personalidade distinta e forte; e, de bondade, de carinho, de piedade, piedade é o termo, pelo envelhecido poeta, que a mesma Lisboa da elite já não via, mas que a Lisboa anónima, das ruas, via sentada pelos bancos de praças e jardins, de lira a tira-colo, mas já sem força para a fazer vibrar, a alma dilacerada, num corpo doente, e este, envolto num coadíssimo frack, triste reminiscência da impecável indumentária d'outro! A. Portela consegue ser justo nas suas apreciações, sem ao de leve ferir o autor do livro em causa. A justiça para o distinto jor-

nalista, não é a figura simbólica dos tribunais; a balança nas mãos, os olhos vendados. Da prosa riquíssima de Portela, do seu extraordinariamente brilhante artigo, ressalta a justiça figurada numa mulher, sim; mas, que tem o coração nas mãos, o perdão nos lábios, uns grandes olhos, dois pequenos lagos, de um azul claro, muito límpido, suave e cristalino, puro como uma consciência tranquila, debruçada sobre a vida, a alma de um grande poeta, sorrindo à graça, à leveza das suas rimas, circunspecta, atenta à gravidade dos seus conceitos profundos; e ainda, uma expressão dolorosa, de silêncio, ante o fenómeno lamentável de uma vida estuante de Luz-Poesia-Amor, que se afunda escondendo-se no nada da miséria! Enquanto li embebecido, A. Portela, o seu artigo, em que cada palavra, cada frase, nos toca vivamente a sensibilidade, enriquecidas sempre, pelo seu rutilante espírito, que se eleva numa extraordinária forma, a um tempo pujante e sensível, em mim se foi criando momento a momento essa figura de justiça que já referi, a impôr-se-me involuntariamente. Figura sublime, irradiante de vida, toda inteligência, vibrante numa expressão de arte, dominando no tribunal das artes Poesia-Música-Pintura-Letras, onde as sentenças elevassem os eleitos aos páramos da glória e aqueles que pelo desalecimento, ou pela ansia desmedida, incontidas, desesperadas, doentias paixões, se perderam na sua rota, fossem condenados num sorriso complacente, tendo o recurso do indicador dessa mulher artisticamente modelada, quase real, quase humana, a mostrar-lhes o verdadeiro caminho, a luz que é preciso seguir, para atingir equilibradamente o fim, não deixando como as incautas mariposas, queimar as próprias asas... caindo desastrosamente a meio do seu vôo artístico, a meio do seu sonho! Mas, como me afastei do fim único que me propus quando tomei a pena? Penitencio-me, pedindo sinceramente desculpa a A. Portela, por dizer-lhe da minha admiração pelo seu valor, pela sua inconfundível alma jornalística, o que não conseguí expressar. Eu queria somente agradecer-lhe por ter trazido a público aquele preito, aquela homenagem que deniro em seu coração, na sua memória, há tantos anos guardava pelo poeta, pela sua obra cheia dos mais antagónicos sentimentos, antagónicos, digo bem; pois a sua alma sorria à vida, agora, traduzindo-a em versos cristalinos ressumando vida, logo escrevendo outros cinzenos, tristes como a maior parte dos seus dias, procurando a tranquilidade, a felicidade que constantemente lhe fugiam. Não pensei em referir-me às produções do poeta, não só por faltar-me a envergadura necessária, mas porque, seria estultícia minha, depois do justo destaque com que A. Portela tratou o poeta.

Esta carta é o resultado de uma imprudente manifestação a um companheiro de todo o momento, a seguir à leitura do artigo a que venho a referir-me: «Dá-me vontade de escrever a A. Portela». Há amigos levados da breca! Pergunha-me na palavra e não me deixei até que me levou a expor-me, não direi ao ridículo, não; mas à indiferença natural dos leitores. Terminando: O meu muito obrigado a A. Portela, por vir mostrar a parte da geração d'hoje, que a não conhece, a poesia de Gomes Leal; recordando aqueles que como eu, a li há tantos anos, e que foi desaparecendo da minha fraca memória, na sua forma de beleza, mas não na essência, pois esta ficou-se indelévelmente no meu espírito e no meu coração, como nos tornamos presa da saudade de um amigo como irmão, como nos possui indefinidamente a lembrança da mulher que amamos verdadeiramente, e que, quase sempre foi só a mulher de um sonho, sonho que não se tornou realidade e como tal persiste, sem ferir-nos com a desilusão. Ouvi ou li algures: que as aves deixam os ninhos e voam cantando pelo espaço, e que as plantas estremecem, sorrindo nas suas corolãs, quando um poeta nasce. Seria assim quando Gomes Leal viu a luz? Há no entanto uma grata certeza: é a de que, morto um verdadeiro poeta, alguém, cedo ou tarde, surgirá cantando a sua glória, estremecendo num frémito de saudosa admiração. A. Portela escreveu para todos nós, mas fez-lo também para si próprio, pela necessidade íntima de reviver e prestar possivelmente uma última homenagem ao poeta que brilhou um momento na vida, e, como as estrelas há tanto tempo mortas, ainda hoje emite a luz brilhantíssima do seu estro!

Álvoro Gusreiro

Notícias PESSOAIS

Partidas e Chegadas

Seguiu para Luanda (Angola), no passado dia 28 de Julho, a bordo do «Quanza», o nosso estimado amigo e assinante em Lisboa, sr. Manuel dos Reis Mora Cruz, que ali vai exercer as funções de Chefe de Agência da Junta de Exportação do Café.

Augurando-lhe sinceramente as maiores felicidades no desempenho do seu novo cargo, desejamos-lhe boa viagem.

Encontra-se nesta vila, acompanhado de sua esposa, o sr. Francisco Aleixo dos Reis, filho do nosso prezado assinante sr. Manuel António dos Reis.

Esteve nesta vila, tendo retirado já para a capital, o nosso prezado conterrâneo e assinante, sr. José de Oliveira Castanheira.

Encontra-se em Tavira, o nosso prezado assinante em Lisboa, sr. Capitão António Pedro de Brito Aboim Villa Lobos.

Esteve nesta vila, acompanhado de sua esposa e filha o nosso conterrâneo, sr. Manuel da Encarnação Pinhal, residente em Lisboa.

Encontram-se em férias nesta vila, os srs. Rui Correia Pacheco, Fernando Vargas Marques, João Manuel Abecassis Correia, Raúl Pessanha Mateus e a sr.ª D. Maria Isabel de Pato Anselmo.

Foram, a Beja, o sr. João Manuel Socorro, e a Saboia, o sr. Manuel Martins Viegas Álvares, funcionários do Banco Português do Atlântico, nesta vila.

Encontra-se em Lisboa, com sua esposa, o nosso prezado amigo e assinante, sr. José de Lima, onde foram assistir ao casamento do seu filho, António Casimiro de Lima.

De visita a sua família, esteve nesta vila, com pouca demora, o nosso prezado amigo, sr. João Ribeiro Clemente, funcionário do Banco de Portugal, em Portimão.

Em gozo de férias, encontra-se em Canaças a nossa prezada assinante, sr.ª D. Amélia Cesar, residente em Lisboa.

Acompanhado de sua esposa e filha, encontra-se nesta vila, o nosso prezado assinante em Montijo, sr. Manuel José Dias.

Em gozo de férias, encontra-se entre nós, o sr. João Magno Rosa.

Regressou da Caiena, onde esteve algum tempo, de visita a pessoas suas amigas, a família do nosso prezado assinante sr. Manuel de Oliveira Rosa.

Casamento

Realizou-se, em Faro, no passado dia 21 de Julho, o casamento da sr.ª D. Maria Eduarda Amor Teixeira Neves, gentil filha da sr.ª D. Alda Ester Amor Teixeira Neves e do sr. Victor Manuel Teixeira Neves, com o nosso prezado amigo e assinante, sr. Manuel Barroso Gomes Sanches, filho da sr.ª D. Maria das Dores Barroso Gomes Sanches e do sr. Matias Gomes Sanches, já falecido, antigo Governador Civil, do Algarve.

Foram padrinhos, por parte da noiva, seus pais, e, por parte do noivo, sua mãe e seu irmão, sr. João Barroso Gomes Sanches, gerente da Electro-Fábrica, desta vila.

Aos noivos, que fixaram residência em Lisboa, auguramos as maiores felicidades.

Doente

Tendo adoecido, com gravidade, no Chinde (África Oriental Portuguesa), onde é funcionário da Sena Sugar Estates, foi transportado de avião para a cidade da Beira, e submetido a melindrosa intervenção cirúrgica, o nosso amigo e prezado assinante naquela localidade ultramarina, sr. Álvaro Pina Duarte, que, felizmente, já se encontra em franca convalescência.

Fazemos sinceros votos pelo seu pronto restabelecimento.

Falecimentos

Rita Domingues

No passado dia 25 de Julho, faleceu nesta vila, a sr.ª D. Rita Domingues, viúva, de 43 anos, natural desta vila.

A extinta era mãe da sr.ª Nilde Domingues Currito e cunhada do nosso prezado assinante e conterrâneo sr. José Domingues, residente em Luanda.

Este funeral esteve a cargo da «Agência Patrocínio».

Rafael Gutierrez Nieves

Após prolongado sofrimento, faleceu, em Vila Nova de Caxela, no passado dia 29 de Julho, o sr. Ra-

A AGRESSÃO À ÍNDIA PORTUGUESA É UMA INJÚRIA AO OCIDENTE

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

com comovida veemência, pelo cínico e degenerado discípulo dileto de Gandhi, poucos dias depois da sua famosa reunião com o chefe do comunismo chinês. A punhalada traiçoeira e vil disferida contra Dadrá, já estava preparada quando o sr. Nehru, com uma hipócrita monstruosa, proclamava, *urbi et orbi*, os seus princípios de imaculado respeito pela soberania alheia.

Um bando de «heróicos voluntários», que o sobrinho do Pandita recrutou nos bairros sujos de Bombaim, famintos, capazes de esfaquear quem os lançou ao mundo para conseguirem a gamela de arroz e as quatro rúpias diárias prometidas, com alguns traidores e renegados à mistura, caiu sobre a pequena aldeia de Dadrá como alcatéia de chacais sobre vítima indefesa, regando com sangue português essa terra portuguesa da Índia. Este crime—de que o mal informado sr. Nehru só teve conhecimento pelos jornais!...—agiganta-se como tremenda acusação à sua falsidade, à sua hipocrisia, à traição que mandou preparar e protegeu.

Não resultará inútil o sacrifício desses bravos indoportugueses que caíram no seu posto, defendendo a honra da bandeira da sua Pátria atacada. Ele cimentará ainda mais a unidade de todos os portugueses nestes momentos que vivem de intenso fervor patriótico e de injusta indignação e vivo repúdio pelo miserável atentado contra a soberania de Portugal.

Engana-se o sr. Nehru se pensar alguma vez que poderia intimidar-nos com os seus bandos de salteadores, protegidos pelas forças armadas da União Indiana. A esses «métodos especiais indianos», que representa uma reles mascarada do ar-

CHÁVENAS DE CAFÉ QUASE AMARGO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PÁGINA)

«mungávamos, ontem, com um poeta de sonoridades enfáticas, enfiamos-lhe, hoje, no pescoço, o colar do desprezo. Livros que, outrora, nos fizeram chorar, damos-lhes, hoje, com a marreta da tropa.

Só por excepção, mantemos, através da vida, os mesmos gostos, idênticas doutrinas, iguais princípios. E, quando tal acontece, devemos considerar, como provável, uma certa imobilidade de espírito, uma estrutural carencia de génio inventivo.

ALMA E PAISAGEM

A PAISAGEM é um estado de alma, mas também a alma é um estado da paisagem. Dentro de um charco, que perspectivas pode ter a alma? Dentro de um poço, que alma não se mostrará sombria? Dem-nos, porém, horizontes largos, a montanha longínqua por pano de fundo, o mar para divagação dos olhos, a floresta como festa de cor, e logo a alma ganhará asas para voar, exuberância para se alegrar.

fael Gutierrez Nieves, de 81 anos, natural de Isla Cristina e há muitos anos residente no nosso país.

O extinto era casado em segundas nupcias com a sr.ª D. Maria Fernandes Rodrigues Gutierrez e era pai das sr.ªs D. Catalina, Rita Branquinho Gutierrez e do sr. António Gutierrez.

O seu funeral que foi civil realizou-se no dia seguinte, para o cemitério daquela vila.

As famílias enlutadas, «Notícias do Algarve», apresenta sentidas condolências.

bitrio contra o Direito—operemos nós, os portugueses, com as forças morais que constituem a razão de ser de uma civilização, uma decidida e corajosa resistência. Assim o proclamou o Governo de Portugal—e assim o sentem, nesta hora grave para a nossa dignidade de povo livre, todos os portugueses.

A esse Kerensky da Índia, como lhe chamou acertadamente Augusto de Castro, tão solícito em atender as exigências dos comunistas de Guzarate, como consciente ou inconscientemente, escancarar as fronteiras do seu país à bolchevização do imenso subcontinente asiático, está reservada a expiação que têm tido todos os Kerenkis. Entretanto, do seu nefando crime contra a soberania de Portugal, tornar-se-á responsável perante todo o mundo civilizado e livre!

Em tão grave emergência da vida portuguesa, repudiamos indignada e vivamente o infame e traiçoeiro ataque à nossa soberania na Índia e manifestamos a nossa fé e a nossa confiança no Governo da Nação.

D. P.

AGENDA

MOVIMENTO DA LOTA de Vila Real de Santo António De 23 a 29 de Julho de 1954

TRAINEIRAS

Pêrola do Guadiana	31.255\$00
Liberta	23.000\$00
Flor do Sul	21.590\$00
Maria Rosa	18.710\$00
Brisa	16.840\$00
Raulito	15.755\$00
Agadão	11.670\$00
Sam Domingos	11.180\$00
Leste	9.080\$00
Boreal	7.450\$00
Levante	6.170\$00
Alvarito	5.100\$00
Persistente	5.001\$00
Carmela	4.900\$00
Batinha	4.860\$00
Pousul	4.480\$00
Flor do Guadiana	4.100\$00
Pingum	3.770\$00
Infante	3.560\$00
Rosa do Sul	2.710\$00
Tufão	2.580\$00
Restauração	2.535\$00
Noroeste	1.670\$00
Marisol	1.110\$00
Norte	1.090\$00
Recompensa	980\$00
Total	221.146\$00

CÉRCO

Amazona 10.830\$00

Atum da costa Algarvia

1.629 Atuns	1.257.383\$40
810 Atuarros	365.191\$60
56 Albacoras	15.395\$80
Total	1.637.970\$80

Movimento de Navios no Porto de Vila Real de Santo António de 24 a 30 de Julho:

Entradas:

PRIMERO, Marroquino, de 403 ton., de Mehdiá, com pessoal das armadas.
RUA, Espanhol, de 182 ton., rebocando o Barco Inglês LORD PLUMER.
SCHWANECK, Alemão, de 1.298 ton., de Faro, com carga em trânsito.
CARDRONA, Inglês, de 1.526 ton., de Lisboa, com carga em trânsito.
ZÉ MANEL, Português, de 926 ton., de Lisboa, vazio.
LAUPEN, Suíço, de 469 ton., de Tânger, com carga em trânsito.

Saídas:

SCHWANECK, Alemão, com conservas e rólhas, para Antuérpia e Hamburgo.
PRIMERO, Marroquino, para Port Lyautey, vazio.
RUA, Espanhol, para Lisboa.
CARDRONA, Inglês, com cortiça, para Kirkcaldy.

FARMÁCIA DE SERVIÇO

Está de serviço permanente, de 31 de Julho a 6 de Agosto, a Farmácia SILVA, Rua Miguel Bombarda - Telefone 64.

DESVAIRAMENTO

Não quero mais ouvir falar de ti.
Hei-de lançar-te ao mar do esquecimento.
Não serás mais do que cinza poeira ao vento
—Cinza dum sonho vago que perdi.

Estranho amor que nunca, nunca vi!...
Querer-te assim, neste desvairamento,
Enquanto te devora o fogo lento
D'outra louca paixão que te sorri...

Em vão nossos caminhos se cruzaram.
Minhas frases de amor se dissiparam
Nas trevas dum amor que não tem fim.

Oh! trágico destino de mulher!...
Passar na vida a amar quem não me quer!
Não dar amor a quem me quer a mim!

HORTENSE MARQUES

PARA SI

minha Senhora

JÁ O OUTONO... em Paris

Por NOÉMIA GIL FARIA

CHEGAM-NOS os primeiros boatos do que vai ser a próxima moda do outono, apresentada pelos grandes costureiros de Paris. Diz-se que o «tailleur» vai ocupar lugar de destaque na próxima estação, mas com aspecto diferente do habitual. Feitos de «tweed» ou de lã espessa, os novos modelos serão bastante cintados, por meio de pinças habilmente dispostas. Muitos deles formarão, mesmo, amplo blusão, como, por exemplo, o lindo «battle-dress», criação de Webé. O «tailleur» de outono terá pequenas golas e punhos guarnecidos com pele de foca, de caracul, de rabo de macaco ou simplesmente de coelho. Modelos haverá com os casacos curtiños, mas outros bastante compridos. O costureiro Basta junta-lhes a graça de uma capinha, o que os torna mais confortáveis, e Kazazian apresenta conjuntos com o casaco comprido, igual ao «tailleur».

O comprimento das saias parece continuar a encurtar e a silhueta vai talvez adelgaçar. A grande novidade em tecidos para casacos será a «chamoisine», tecido à base da lã, imitando admiravelmente a pele de camelo, mas fininha e maleável. Vão aparecer também, entre outros, a «chamoioe», a «ratine», o «mohair» — de pelo mais ou menos comprido — e o «shetland». Segundo consta, as cores a empregar nos casacos compridos serão os vermelhos ao mesmo tempo fortes e sombreados, lembrando folhas caídas no outono, os azuis fortes, os castanhos «tronco de árvore», alguns cinzentos e um novo preto, de reflexos inéditos, a que se dá o nome de «negro de lago». Há ainda uns quantos tecidos em duas cores — uma muito escura, como fundo, e outra mais clara, em pequenas manchas. Haverá, segundo parece, muitos casacos abotoados de alto a baixo, com pequenos encaixes nos ombros, de onde parte a roda do casaco. A manga «raglan» e a «quimone» tendem a desaparecer, voltando a manga a ser pregada no seu lugar. Uma das características da moda outonal vai ser dada pelas grandes golas, muitas delas terminando em bico nas costas, inspiração bem visível dos hábitos monacais. Alguns costureiros vão apresentar casacos no novo comprimento de seis oitavos e que serão vestidos com saias plissadas ou miudamente pregueadas, na mesma fazenda do casaco. François Gil faz renascer a guarnição de veludo em tiras delicadas. E é tudo, quanto aos casacos.

Os vestidos de tarde vão talvez usar-se em fazendas delgadas, quase sempre com saias plissadas. O vestidinho simples será no estilo camiseiro, muitas vezes mesmo usado com botões de punho masculinos. Parece que o escocês voltará a aparecer e que o preto continuará a cor ideal para a «toilette» de «mais vestir».

Os vestidos de noite serão cortados em veludos modernos — quase sempre à base do «nylon» — que não se amachuquem, não se façam feios e se lavem com uma simples escova de pelo rijo. Também haverá alguns modelos confeccionados em «moiré», em tafetá de lã — a última das últimas novidades — ou em «armeguerie» — um tecido ligeiro como a espuma e salpicado de flocos levemente coloridos. Quanto a feitios... mistério! Nada de positivo, até que cheguem os primeiros dias de Agosto, em que os «grandes» da moda, os senhores que vão guiar o gosto, mais ou menos aprimorado, de milhares de mulheres, digam de sua justiça e nos apresentem o fruto de seis meses de trabalho e de esperanças. Entretanto, vamos usando os nossos fatos de banho, as nossas saias feitas, no tear, à «antiga portuguesa» e os nossos vestidos frescos. Não perturbemos a beleza das férias, pensando na moda do outono, com os seus «tailleurs» enfeitados a peles, com os casacos de grandes golas ou com os veludos, mesmo alimentados a «nylon», numa parada que nos lembre a chuva, o vento e o cair das folhas vermelhas, do tal vermelho que a moda vai decretar...



DESPORTO

Hóquei em Patins

Taça «OLIVEIRA E COSTA»

Na quarta-feira passada continuou a disputar-se, em Faro, a taça «Oliveira e Costa», com os jogos Hóquei C. Vila Real-União Farense e Imortal-Académico de Vila Real, que decorreram bastante animados e foram presenciados por bastante público.

Damos, a seguir, breves notas das partidas realizadas:

Hóquei C. V. R., 0 — União, 1

Sob a arbitragem do sr. J. M. Barros os grupos alinharam:

Hóquei Clube: Munhoz, Rolla, Coelho, Salvador, Faisca e Clemente.

União: Mendonça, Vilar, Antunes, Ludgero e Máximo.

O jogo foi muito bem disputado, com belas jogadas de parte a parte, mas com nitido ascendente dos vilarealenses que não tiveram, porém, a sorte do jogo pelo seu lado.

Aos 6 minutos do segundo meio tempo, na transformação de uma grande penalidade, Vilar marcou o único golo do desafio, dando, assim, a vitória à sua equipa.

Distinguiram-se nos farenenses Mendonça e Farinha. Rolla e Salvador foram os melhores entre os vilarealenses.

Imortal, 10 — Académico, 0

Arbitrou o sr. Neves Frota. Os grupos formaram da maneira seguinte:

Imortal: Gonçalves, Egidio, Helder, Frutuoso e Vitor.

Académico: Cílio, Ruivo, Campinas, José Luiz e Pescada.

Aparte a incontestável superioridade dos barlaventinos, tornou-se

digua de nota a inépcia flagrante dos hoquistas vilarealenses na marcação de grandes penalidades. Nada menos de sete foram marcadas pelos nossos conterrâneos, sem conseguirem a conversão de uma única.

Frutuoso (8), Helder e Vitor marcaram os tentos dos vencedores.

Destacaram-se, no Imortal, Gonçalves e Frutuoso. Ruivo e Campinas foram os melhores do Académico.

T.

Classificação geral

	B	P
Imortal	22	4 6
Sport Lisboa e Faro	15	5 5
União Farense	6	8 5
H. C. Vila Real	4	14 0
Académico H. C.	3	20 0

No próprio interesse de V. Ex.^a prefira sempre as oficinas gráficas da

TIPOGRAFIA SOCORRO
FÁBRICA DE CARIMBOS

Meio século de existência garante a perfeição dos seus serviços

VILA REAL DE STO. ANTÓNIO
Telefone 59 Apartado 3

VENDE-SE

CASA, com 8 divisões e quintal, na Rua Dr. José Guimarães, n.º 9. Informa: Padaria Felizardo, na mesma rua.

Anuncie neste jornal de grande expansão em todo o país.

Holland-America Line



AGENTES GERAIS
CARLOS GOMES & C.ª L.ª
4, L. VITORINO DAMÁSIO — LISBOA
TELEF. 668087 (3 LINHAS)

SERVIÇO REGULAR MENSAL

Para HAVANA, VERA CRUZ, COATZACOALCOS, TAMPICO, NEW ORLEANS, MOBILE, Ala., HOUSTON E GALVESTON

O vapor rápido

“ALMDYK”

carrega em LISBOA em 23 de AGOSTO

Carreira regular de Lisboa ou portos do Algarve, via Rotterdam para Cristobal, Los Angeles, San Francisco, Victoria, Vancouver, Seattle e Portland

Partidas de Rotterdam:

«DALERDYK» — 10 de Agosto
«LOCH AVON» — 19 de Agosto

MOTORES MARÍTIMOS, INDUSTRIAIS E ELÉTRICOS

GRUPOS MOTO-BOMBAS PARA REGAS
ELECTRO BOMBAS PARA REGAS, PARA EXTRAÇÃO DE ÁGUA A TODAS AS PROFUNDIDADES
DRAGAS PARA EXTRAÇÃO DE ÁGUA EM POÇOS PROFUNDOS
FERRO PARA A CONSTRUÇÃO CIVIL E CHAPA DE FERRO
CANTONEIRAS, TUBAGENS DE FERRO, ETC.
CIMENTO, MANILHAS E SIFÕES EM BARRO
BETONEIRAS, MISTURADORES E TRITURADORES PARA CEREAIS
Lubrificantes «CASTROL» para todos os fins
Pneus «MICHELIN» Chupadores de borracha e mangueiras
EXTINTORES DE INCÊNDIO, FERRAMENTAS, ETC., ETC.

Para o seu caso consulte sempre a:
Agência Comercial e Marítima do Sul
Telefone 76 VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

SECCÃO DE CINEMA

POR VITORIANO ROSA

NEO-REALISMO (3)

SE a simplicidade e sinceridade são os dois pontos fundamentais do neo-realismo, como linguagem e como arte, verificamos que a existência de artistas cujo poder criador se possa exprimir livremente, sem as mil e uma limitações que começam com a necessidade do ganha-pão diário (o problema económico) e culminam nas imposições da censura (o problema político) não é tão fácil como à primeira vista se pode calcular. Muitos dizem: «Então, se o neo-realismo goza de tanto prestígio, qual a razão por que a maior parte dos realizadores não adere a ele?»

A razão é a mesma que, na própria Itália, obrigou os cineastas italianos na sua maioria a recuarem no entusiasmo inicial com que se lançaram na reconstrução do cinema do seu país: as tais mil e uma limitações que perseguem os artistas e transformam os seus sonhos de construir obras simples e sinceras.

Vivem os artistas indiferentes a estas limitações? De modo nenhum. Na Itália e na França, no Brasil ou no México, os artistas consequentes promovem congressos e manifestações, na luta pelos seus direitos. No princípio deste ano, teve lugar em Parma, na Itália, um grandioso Congresso que reuniu realizadores, operadores, interpretes e críticos, em defesa do cinema neo-realista.

Carlo Lizzani insistiu na necessidade de reagir às imposições veladas e patentes da censura e Guido Aristarco denunciou, como sintoma de decadência e traição, o facto de realizadores como Visconti e Castellani se voltarem para os filmes de costumes, em consequência das restrições postas à liberdade criadora. Vittorio de Sica sustentou, por outro lado, mostrando-se optimista, que «o neo-realismo está sómente no princípio».

Charlie Chaplin

«O Prémio Mundial da Paz para Charlie Chaplin». Com este título. «O Século Ilustrado» de 24 de Julho p., publica uma notícia, que deve regosijar todos os admiradores do genial artista. Aqui a arquivamos, com o entusiasmo que merece:

«Admitindo que o riso é um sintoma de saúde espiritual e que esta torna os homens bons e, portanto, acérrimos defensores da Paz, o Conselho Mundial dos Partidários da Paz que se reúne

na Suíça, deliberou atribuir o prémio anual ao famoso comediante Charlie Chaplin». Uma notícia tão simples, a força que tem!

Cine-Clubes

Os cine-clubes interrompem agora a sua actividade, que retomarão em Outubro. Motivo: as férias. Fala-se de férias como se se falasse de um copo de água que se e se esquece. FÉRIAS!

Parécê-nos que os cine-clubs poderiam talvez dar ao menos um «sinal de vida» editando os seus habituais programas de divulgação por ocasião da estreia em Lisboa ou no Porto de filmes dignos da atenção do espectador. Ganhava-se «a dobrar»: nem certos filmes de interesse passariam despercebidos, nem o espectador ficaria privado daqueles elementos que são indispensáveis, muitas vezes, para a boa compreensão da obra apresentada.

Porquê Hollywood morre

Preston Sturges, que foi um dos melhores realizadores americanos, talvez mesmo o mais genial dos criadores da «comédia americana» está a viver em Paris e escreveu para o semanário «Arts» um longo artigo sob o título «Porquê Hollywood morre». Espirituoso como sempre (quem se esquecerá do seu originalíssimo «Odeio-te, meu amor», que apresentava curiosos efeitos da banda sonora, colocando a imagem e son num mesmo plano de interesse) Sturges recorda a sua entrada para o cinema, a sua entrada em Hollywood... Que pena ele não a filmar!

Cine-Foz

Apresenta hoje o mais cómico filme de Bob Hope, *O Filho do Valentão*, em maravilhoso technicolor, com Jane Russell e Roy Rogers. Nunca Bob Hope foi tão feliz como neste filme. Os seus «gags» é uma maravilha de comicidade! «O Filho do Valentão» é o filme das mil gargalhadas! Alegre, musical e cómico. Espectáculo para maiores de 13 anos.

Quinta-feira, dia 5, exhibe este cinema um programa duplo com dois sensacionais filmes. Sem consciência, com Humphrey Bogart, Zero Mostel e Ted de Córnia. Um drama forte e recheado de emocionantes episódios! Os assassinos comprados tinham a morte como negócio. Homens pagos para matar... Consciências mortas...

Armadilha Fatal, com Virginia Mayo e Bruce Bennett. Ela guardava os seus segredos porque o amava... Ele amava-a porque ela sabia guardar os seus segredos! Um jogo de intrigas, paixão e morte! Espectáculo para 18 anos.

RELÓGIOS

O MAIOR SORTIDO AS MELHORES MARCAS
A MELHOR GARANTIA OS MAIS BAIXOS PREÇOS
RAMOS & MATEUS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

UMA CAMPANHA EM MARCHA

PROSSEGUE O MOVIMENTO

EM PROL DA CONSTRUÇÃO

DO QUARTEL

PARA OS NOSSOS

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS

MAIS um vilarealense amigo da sua terra e dos Bombeiros enfileira hoje no grupo dos subscritores que querem ajudar a construir o quartel-sede dos nossos Bombeiros Voluntários. Acompanhada de palavras amigas de incitamento, remeteu-nos a sua contribuição. Valiosa, sem dúvida, como todas, será mais uma pedra a juntar às que se vão reunindo para esse fim.

Deseja esse amigo ocul-tar-se sob as iniciais A. C. B. Respeitemos e seu desejo, e em nome dos organizadores deste movimento apresentamos-lhe o nosso público agradecimento pela sua colaboração, do mesmo modo extensivo aos restantes subscritores que hoje figuram na relação que publicamos e cujas dádivas são igualmente muito agradecidas por todos.

Eis a posição actual do respectivo Fundo:

Transporte.	10.951\$00
Donativo dum anónimo	2\$50
Donativo duma admiradora dos Bombeiros	2\$50
Donativo de A. C. B.	20\$00
	10.976\$00

TRESPASSA-SE

Café «Beira-Mar», com quartos no 1.º andar, por motivo de retirada do seu proprietário. Negócio a fratar urgente.

Rua Serpa Pinto, 13 e 14 (frente à Lota do Peixe), Telef. 363—PORTIMÃO

Ao seu marido, afinal, faça a mais bela surpresa, compre-lhe, pelo verão, uma camisa «Viresa»!!!



Confecções Viresa, L.ª
FÁBRICA DE CAMISAS
VILA REAL DE SANTO ANTÓNIO

Se V. Ex.^a visitar em PORTIMÃO o Salão de Chá e Pastelaria

SALOMÉ

a mais luxuosa e confortável do Algarve, terá a certeza de poder adquirir, além do mais fino doce de pastelaria, o melhor, o mais artístico e o mais regional doce do Algarve.

R. Dr. José J. Nunes, n.º 4 A, 6 e 8
Tel. 85 PORTIMÃO

Está triste?
A vida ocorre-lhe mal?
«CARA ALEGRE»
Revista de BOM HUMOR
PUBLICA-SE NOS DIAS 4 E 15 DE CADA MÊ
Apenas por 4\$00, obterá boa disposição por 15 dias.

TRESPASSA-SE em Portimão

A «Casa Chic», por motivo de retirada, sem existência. Bom local, servindo para qualquer ramo de negócio. Casa de habitação anexa. Rua da Igreja, 39 (antiga rua dr. António Cândido) em frente ao Liceu.

LITERATURA NACIONAL LITERATURA REGIONAL

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

do «Notícias do Algarve», que eu dirijo consoante posso e sei, mas procurando ser, sempre e acima de tudo, honesto nas minhas apreciações — a crítica a uma obra vinda recentemente a lume, gabava eu as reais faculdades da romancista em questão quando, inadvertidamente, lamentei que ela, em vez de enveredar pelos modernos e arejados caminhos da literatura, tivesse preferido os atalhos habituais da ficção portuguesa, atalhos esses que não conduzem a parte nenhuma, como está largamente demonstrado. Parece que eu tive depois a infeliz ideia de afirmar que «a literatura portuguesa não contava nem pouco nem muito no balanço intelectual do Mundo», porque os livros que escrevem os nossos autores são «insossos, mornos e vazios» e formam um aglomerado «eminente e nacional» que «às vezes nem sequer passa de regional».

Atrevi-me, depois, a dizer que aos intelectuais estrangeiros não interessava grandemente aquilo que pensavam os «Zés» e os «Manéis» do Alentejo ou das Beiras, concluindo por asseverar que os dramas dos pescadores da Nazaré ou dos nossos mineiros não tinham transcendência que justificasse trezentas páginas de texto.

Eis, em resumo, as terríveis blasfêmias de que fui acusado. Quem quiser conhecê-las por inteiro, em todo o seu horror, não tem mais do que dar-se ao trabalho de consultar o n.º 56 do «Notícias do Algarve».

E depois, que sucedeu? Oh! nada de extraordinário... O sr. Rodrigues Pena ficou os pés nos estribos, tomou a lança das mãos do seu escudeiro e correu em defesa de sua Dama, neste caso, a Mui Nobre Senhora D. Literatura Portuguesa...

Começou por me falar em Balzac, em Tolstoi, em Dickens, em Silone e em Zola, como um milionário acenando com notas de conto ante o olhar esbugalhado e desviado dum mendigo a morrer de fome. Afirmando depois que o romance é um dos géneros literários que mais liberdades consente, sendo um crime pretender limitar-lhe o seu vasto campo de acção. E continuou por aí fora, de dedução em dedução, ao longo de três vastas colunas, até terminar por dizer que eu pretendi lançar a confusão nos espíritos, prestando assim um mau serviço àquelles que desejam ser convenientemente esclarecidos.

Ora, a verdade é que eu, embora não citando nomes — porque, entendi que isso não tinha cabimento naqueles simples apontamentos críticos — fiz afirmações que não podem deixar lugar a dúvidas de qualquer espécie e que não podem prestar-se a nenhuma confusão. Toda a gente que leia português e compreenda aquilo que lê, ficou devidamente esclarecida! E passo a repetir: A literatura portuguesa não é nada, não tem originalidade, não tem projecção internacional e não desempenha nenhuma espécie de papel no concerto mundial das Letras, não porque não tenhamos grande vocação para esse género literário — como diz o sr. Rodrigues Pena — mas única e simplesmente porque é uma literatura eminentemente nacional ou, o que é ainda pior, porque é profundamente regional. O sr. Rodrigues Pena ajuda singularmente a assentar as bases desta minha opinião quando suplica que se não estabeleçam limites ao romance, sob pena de o atrofiar ou de adulterar a sua finalidade. É esse o mal das nossas letras, sr. Rodrigues Pena, precisamente esse e não outro qualquer.

Os autores portugueses definiram para as suas obras umas fronteiras rígidas e uns moldes sem elasticidade, donde se não afastam, ou porque não querem — o que me parece estranho — ou porque não sabem — o que é muito mais triste, mas também muito mais lógico. Se um dia puderem quebrar essas algemas de forma e de estilo, então sim, não tardarão a ser procurados lá por fora com a mesma ansia com que em Portugal se procuram e se leem todos os bons romancistas estrangeiros. Só então a literatura portuguesa terá cessado de ser «eminente e nacional» para se tornar também numa literatura universal.

O Romance, o Teatro, a Música, a Pintura e todas as outras Artes, enfim, sendo frutos do Espírito e da Inteligência do Homem, teem, como ele próprio, um ciclo evolutivo de que se não desprendem, que vão cumprindo e respeitando através dos tempos. A Arte de hoje é bem diferente da Arte de ontem, e é lugar comum afirmar que está bem afastada da Arte de amanhã. Há sem dúvida — e felizmente que assim é — um caminhar, por vezes vacilante, mas permanente e instintivo, em direcção a uma quimérica Perfeição ou, o que é o mesmo, em direcção a um simples desejo de

Perfeição. Em Pintura, o cubismo, o impressionismo e todos os outros «ismos», são outros tantos passos em busca da Verdade, tal como nas Letras o são também o romantismo, o realismo, o neo-realismo, e o próprio Regionalismo.

Como o Sr. Rodrigues Pena muito bem o confessa, «não possuímos uma tradição romanesca», situação privilegiada que nos confere o indesejável direito de podermos admitir, sem receios de desmentidos, que «nesse capítulo ainda estamos na infância». Em que é que as brincadeiras de miúdos podem interessar as pessoas crescidas, não me dirá? Nas grandes literaturas mundiais, a fase regionalista que nós vivemos — e cujo fim ainda se não adivinha! — já lá vai há um rol de anos, e isto é também uma razão de peso para que o romance português não possa encontrar lá fora condições próprias ao seu desenvolvimento e crescimento.

Ficou o Sr. Rodrigues Pena com a errada impressão de que eu tinha qualquer má vontade contra os camponeses da nossa terra. Não pense nisso, por amor de Deus! Eles cumprem galhardamente a sua missão no Mundo, tirando do solo, dia a dia, tudo quanto eu e todos nós necessitamos para vivermos. Honra lhes seja feita por isso! Quando falei deles, não os queria atingir senão sob o ponto de vista estritamente literário, e nada mais. Eles são, quando já era tempo que tivessem deixado ser, os pilares em que assenta o movimento das letras em Portugal. Já foram um esplêndido assunto para romances e novelas, mas à força de serem usados com esse intuito, acabaram por cair na monotonia e acabaram por fazer das Obras que giram à sua volta, ou à volta dos seus problemas, Obras pesadas, maçudas e difíceis de digerir que não são capazes de merecerem a atenção de leitores habituados a literaturas bem mais profundas e consistentes.

A dureza das ceifas alentejanas é um «poema épico»... Ótimo! Simplemente, isso mesmo já foi dito e redito mais de cem vezes, sob todas as formas literárias que vão do Auto ao Soneto, da Poesia heróica ao verso de pé quebrado, do conto ao romance, o que teve como desastroso efeito transformar o «poema épico» numa tremendíssima estopada! O que é verdade para a ceifa alentejana é ainda verídico quando estendemos a ideia aos pescadores da Nazaré (O mar, quantas vidas roubastes, quantas Mães deixastes sem filhos, etc., etc.), aos pastores da Beira ou aos vindimadores do Douro. O assunto está, como se diz hoje em dia, nas lonas. Sr. Rodrigues Pena, irremediavelmente nas lonas...

Diz o Sr. Rodrigues Pena que a literatura portuguesa vai ganhando lá fora um razoável auditório e, para reforçar a sua tese, cita a propósito o nome de três escritores portugueses que já viram os seus romances traduzidos para diversos idiomas estrangeiros. Não me faça a injúria e a injustiça de pensar que eu ignora-a este facto... Acontece, porém, que, deitando mão deste argumento, o Sr. Rodrigues Pena veio ainda, e uma vez mais, em auxílio do meu ponto de vista. E' que o Sr. Rodrigues Pena admite implicitamente que considera isso como um fenómeno, a tal ponto que tem mesmo necessidade de me dar exemplos para que eu acredite, tão fantástica lhe parece a afirmação! Verdades deste tipo, Sr. Rodrigues Pena, não precisam demonstração e, quando alguém se sente na obrigação de pretender prová-las, é porque elas não são tão lógicas e irrefutáveis como podem parecer. Já alguma vez teve necessidade de demonstrar matematicamente que dois e dois faziam quatro? Imagine só o que seria eu afirmar: a literatura francesa vai tendo no estrangeiro um razoável auditório, e desatar depois a dar exemplos! E todavia isso nunca me passou pela cabeça. Porquê? Porque isso é uma afirmação tão evidente, é uma verdade tão palpável, que não precisa de demonstração, nem de exemplos a reforçá-la.

Bastam vezes, ao longo do seu artigo, me veio à ideia a história da abelha. Eu conto-lha, em duas penasadas... Pegaram os sábios no simpático insecto e, analisando-o à luz das suas teorias aerodinâmicas, provaram que ele não podia voar. Por A mais B, cientificamente falando, a abelha não pode sequer levantar do chão... mas ela voa! Porquê? Porque há qualquer coisa na demonstração que não está certa. Não se pode desmentir a evidência, não é verdade? Pois o Sr. Rodrigues Pena gastou o melhor da sua lógica para me provar que a literatura portuguesa era uma literatura universal. Chegou ao fim

O ALGARVE EXTERIORIZA A SUA REPULSA PELO TRAIÇOEIRO ATAQUE

DA UNIÃO INDIANA

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

e dr. Santos Vaz, advogado indoportuguês com banca em Loulé, proferiram discursos vibrantes de fé e de entusiasmo patriótico, constantemente interrompidos com vivas e aplausos.

Encerrou os discursos o sr. eng. Mascarenhas Gaivão, ilustre governador civil do Algarve, com uma brilhante peça oratória de acendrado fervor nacionalista, que a Emissora Nacional radiodifundiui na íntegra.

A Câmara Municipal de PORTIMÃO, em reunião extraordinária, com a assistência da magistratura judicial e do Ministério Público, União Nacional, Concelho Municipal, Juntas de Freguesia, dirigentes da Assistência, funcionalismo público, professorado do ensino primário e liceal, dirigentes dos Organismos Corporativos e Sindicatos, Legião e Mocidade Portuguesa, estabelecimentos de crédito, sociedades desportivas e recreativas, etc., apreçou os acontecimentos na Índia, tendo deliberado, por unanimidade, enviar ao sr. Presidente do Conselho um expressivo telegrama em que se verbera o atentado contra a soberania nacional e se exprime ao Governo uma manifestação de confiança.

A mui nobre vila de OLHÃO da Restauração viveu, na noite de terça feira passada, momentos de grande vibração patriótica. Muitos milhares de manifestantes, concentrados no Largo da Estação, e onde se contavam todas as forças vivas do concelho, com larga representação de organismos corporativos, sindicatos, agremiações recreativas e desportivas, etc., com os respectivos estandartes, Mocidade, Legião Portuguesa, Escuteiros e cerca de trezentos populares empunhando archotes, desfilarão pela Avenida da República até ao Largo da Restauração — onde o povo olhanense escreveu uma das mais brilhantes páginas da sua história. Ali, no meio de grande entusiasmo popular e frequentemente interrompidos com vivas e aplausos, discursaram os srs. Ferro Galvão, comandante de Terço da Legião Portuguesa, dr. Matos Parreira, funcionário público, e Lourenço Mendonça, importante industrial e presidente do Município.

A multidão, em côro, cantou a Portuguesa.

Visado pela Comissão de Censura

cansado do esforço dispendido, fartou-se de me dar exemplos e de me atirar com nomes famosos em todo o Mundo das Letras, e para quê? Para me querer convencer do absurdo, para me fazer crer que a abelha não pode voar... O que eu não percebi bem foi a que propósito vem a literatura palaciana e mais os marqueses. Ou será que uma literatura ou é regionalista ou é palaciana? Não haverá mais por onde escolher? Não haverá mais correntes literárias? Tem mesmo que ser, das duas uma? Há para aí qualquer coisa que não está bem...

Apesar de ser pessimista — como diz o Sr. Rodrigues Pena, o que, aliás, não é exacto — recuso-me a aceitar uma verdade que não tenhamos grande vocação para o romance. A partirmos deste princípio quase que poderíamos esboçar um mapa em que figurasse a distribuição geográfica das tendências literárias, em vez dos limites territoriais de cada País... Temos tantas possibilidades como outros quaisquer povos, simplesmente teimamos em escolher sempre os mesmos caminhos e, como eles já estão gastos e mais do que gastos, e como por lá passaram, antes de nós, milhões de pés, resulta, como inevitável consequência, a não universidade das Letras Portuguesas. Quer queira, quer não, Sr. Rodrigues Pena!

Já vi longo este artigo e eu não pretendo maçá-lo, nem tão pouco enfiar os nossos amáveis leitores. Fica por aqui!

Quebrou-se assim mais uma lança em defesa da Honra Ilustríssima Senhora D. Literatura Nacional. Porque eu, Sr. Rodrigues Pena, eu também a defendo e também lhe quero bem, mas em vez de me escurar por detrás dum patriotismo que deforma as imagens e as torna cor de rosa, eu acho que é preferível apontar os erros, enunciar-las de boa fé, e depois, procurar atalhar o mal, dentro das minhas modestas possibilidades.

Outro dia conversaremos mais demoradamente, porque as epidemias que roem as nossas Letras não vêm apenas dos escritores. Têm muitas outras origens... Lá iremos.

Mendes Leal

CULTURA E TRADIÇÃO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

ram. Esses problemas, que a uma enorme distância se nos afiguram ingénuos e até destituídos de qualquer importância fundamental, constituíram — na busca duma solução adequada e compatível — autênticas revoluções que modificaram completamente a estrutura da sociedade.

A vida do homem é a luta incessante e tenaz contra a natureza — pelo seu domínio, através das técnicas — e uma história da cultura que despreze todos os conhecimentos da técnica, só com muita boa vontade assim se poderá considerar. No nosso tempo dia-a-dia, se torna mais imperioso indagar os modos de vida dos homens que nos antecederam na longa caminhada que é a história da humanidade, as maneiras como arroteavam as terras, quais os utensílios fabricados, quais os materiais utilizados na sua vida doméstica, os apetrechos de que se serviam na pesca e na caça, as relações sociais na produção e as formas jurídicas de que revestiam essas relações. A cultura encontra-se intimamente ligada ao estudo da economia e das técnicas. Só podemos conceber um estado desenvolvido da cultura quando ligamos esse facto a um desenvolvimento da produção de bens materiais, quando um homem encontrou uma certa estabilidade económica, que lhe permitiu dedicar muitos dos seus ócios ao conhecimento do meio que o rodeava.

A cultura é, pois, uma herança de todos os conhecimentos e experiências que os homens nos legaram, e que constitui aquilo a que nós chamamos civilização. Cada geração que emerge na vida conta com essa soma extraordinária de conhecimentos. Não se lhe exige já que recomece de novo a vida; exige-se-lhe, sim, que utilizando e partindo desses conhecimentos, construa uma nova existência, tornando nas suas mãos e cérebro as experiências dos outros e que lhe facilitarão o caminho. Uma criança não tem necessidade de colocar as mãos no fogo para saber que se queima; basta-lhe os conselhos dos pais para evitar as queimaduras, a dor. A cultura, oferecendo ao indivíduo as experiências e conhecimentos dos homens que nos antecederam, evita-lhe muitos e dolorosos erros.

Toda a cultura moderna entronca, pois, na tradição. Entenda-se por tradição, a parte viva da cultura que subsiste nos conhecimentos humanos da nossa época. Se procuramos estudar o passado não é com a ideia de ressuscitarmos épocas ou instituições mortas, mas para lançarmos luz nos problemas que hoje nos preocupam. E' falso falarmos em culturas mortas, visto que tudo o que de bom e valioso ostentavam, veio fecundar os nossos conhecimentos sobre a vida e a natureza humana. E é unicamente nesse aspecto que a tradição tem de ser acarinhada. O homem nada de novo pode criar sem recorrer à herança passada, sem ter em devida conta os esforços das gerações que contribuíram para a construção do nosso mundo. Quando se fala num mundo novo, numa vida nova — há toda a necessidade em evidenciar a im-

portância das experiências, isto é, os esforços das outras gerações.

A verdadeira cultura não tem que desprezar a tradição, como também a não deve aceitar integralmente. O caminho que se abre hoje ao homem, reside na escolha acertada que ele fizer dos conhecimentos, a forma inteligente que o levará a regeitar muitas coisas e ideias do passado, sem, contudo, deixar de aproveitar desse passado tudo o que lhe parecer útil e vantajoso para a construção do seu mundo. Por isso, a cultura dos nossos dias reivindica, e muito bem, para si todas as nobres tradições das diversas correntes históricas; situa-se dentro dos sistemas humanos, e regeita, por sua vez, toda a tradição que se lhe antolha perniciosamente para o desenvolvimento da sociedade. Assim, a cultura, como escreveu Henri Lefebvre, é ao mesmo tempo conservadora e inovadora — constitui como um elo entre um passado que não desprestigia o homem e o futuro que lhe cumpre realizar.

Rodrigues Pena

ACTO DE HONRADEZ

A VENDEDEIRA do Mercado Municipal desta vila, Teresa Monchique Alinho, tendo conhecimento de que uma serviçal, de nome Arminda Custódio Anastácio, perdera uma nota de 100\$00, e achando essa nota caída entre a fruta que vendia — e não obstante ninguém ter dado pelo achado —, mandou chamar a referida serviçal a quem entregou o dinheiro.

Tornando público este acto de honradez, prestamos merecida justiça à honestidade da sr.ª Teresa Monchique Alinho.

IMPRENSA

NOTÍCIAS DA BEIRA

Festejou, no dia 10 do mês passado, o seu vigésimo quarto aniversário, o quinzenário «Notícias da Beira», que vê a luz da publicidade em Mangualde, sob a proficiente direcção do sr. A. Monteiro Albuquerque.

Por este motivo, endereçamos àquele nosso prezado colega cumprimentos de felicitações, com votos de muitas prosperidades.

A TERRA MINHOTA

Recebemos a visita deste simpático quinzenário, que se publica em Monção, dirigido pelo sr. João Henrique Alves, e de que é editor o sr. Joaquim Martins Vieira.

Agradecemos a gentileza, e vamos permutar.

O ALMONDA

Também recebemos a amável visita do semanário regionalista «O Almonda», que, sob a divisa «Por Deus, pela Pátria, pela Família», se publica em Torres Novas, sob a direcção do sr. dr. Carlos de Azevedo Mendes, sendo seu administrador e editor, o sr. José Rodrigues dos Santos Gomes Júnior.

Com os nossos agradecimentos, vamos estabelecer permuta.

Assinaturas pagas

Do nosso prezado amigo e assinante no Chinde (África Oriental Portuguesa), sr. Álvaro Pina Duarte, recebemos a importância respeitante à sua assinatura anual.

PROBLEMAS DE MONTE GORDO

(CONCLUSÃO DA 1.ª PAGINA)

Gordo, sem dúvida a praia que reúne condições naturais como nenhuma outra em Portugal, voltamos a lamentar a falta de iniciativa tendente à sua valorização. Chega a ser pasmoso que ninguém se dê conta do filão turístico e comercial que ela representa. E que todos — os de fora — lhe reconhecem méritos prova-o a distinção que lhe é conferida pelo *Diário de Notícias*, que para a sua iniciativa selecciona o que há de melhor no País. Pois só os de fora reparam em Monte Gordo! Os de casa parece que nunca viram a riqueza que têm à porta, nem se deram ainda conta das facilidades que o Estado do Turismo confere aos que pretendam aproveitar-se dos seus benefícios. Monte Gordo, ainda este ano não terá um hotel ou uma pensão em condições de alojar uma centena de pessoas. Os visitantes (aquela enorme massa fluente que percorre o País e que permanece três ou quatro dias nos pontos que visita), não terão ainda este ano possibilidades de se demorar na linda praia. Como de costume, hão-de andar de porta em porta a implorar pousada, e depois retirarão desolados, comentando asperamente a triste circunstância da natureza ter sido tão generosa para gente que o não merecia.

Efectivamente, chega a ser ofensivo e desprestigiante para nós que não haja ainda nada em Monte Gordo para alojar gente.

Não há hoje pedaço de costa em Portugal com uma nesga de areia ou de calhu que se classifique de praia, que não tenha uma ou mais pensões e mesmo hotéis, para alojar veraneantes. Até as praias de garrafão e sardinha assada dispõem de acomodações. Só Monte Gordo, zona de turismo de 1.ª classe, praia impar, oferecendo possibilidades incalculáveis à hotelaria, tanto no Verão como no Inverno, não tem absolutamente nada que possa servir para alojamento dos que a visitam e dos que nela desejariam passar uns dias.

E não nos venham dizer que não se constrói um hotel ou uma pensão porque as dificuldades são muitas, porque não há dinheiro, etc. Não! Se alguém de iniciativa quiser beneficiar a praia e ao mesmo tempo beneficiar-se a si, o que é legítimo, tem ao seu dispor as facilidades concedidas pelo Estatuto do Turismo. Com meia dúzia de vintens e um pouco de crédito, poderia edificar uma bela pensão para «armazenar» umas duas centenas de banhistas e um hotel com duas dezenas de quartos, já com certo ambiente de luxo, para os hóspedes exigentes e caros. E, por certo, que não se arrependam!

Enquanto tal se não fizer Monte Gordo continuará a ser, de facto, a mais bela praia natural de Portugal, mas inacessível para os que nela desejariam estar uns dias e não possuem casa própria.

J. B.

A tiragem e a expansão do «Notícias do Algarve» justificam a preferência dos seus anunciantes e oferecem segura garantia duma útil e proveitosa publicidade.